

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.136

Quinta feira, 3 de Agosto de 1922

PREÇO—10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhah—Lisboa—Telefone 5339-G

Officina de impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

O Governo, a Moagem e os lavradores pretendem que o povo, de amanhã em diante, seja mais roubado.

Pois o povo, já hoje, tem que manifestar o seu veemente e justo protesto contra mais este roubo.

Deve já ter chegado a hora de o povo não dever pagar mais e bradar, com alma e com decisão:

**Basta, basta, basta!!**

## Em nome da vida ameaçada defendamos o nosso pão!

### AO POVO TRABALHADOR

Todo o que tiver um pouco de dignidade e não quizer deixar que espesinhem afrontosamente os seus direitos mais sagrados, deve abandonar hoje, ao meio dia, o trabalho e comparecer na grandiosa sessão de protesto contra a modificação do regime do pão, que se realiza pelas 15 horas, na sede da U. S. O., na calçada do Combro, 38-A, 2.º

**POVO, DEFENDE-TE DOS LADRÕES E FAZE TRIUNFAR A TUA RAZÃO!**

A U. S. O.

## Ladrões, ladrões, ladrões!

Os novos diagramas da farinha como as pequenas fracções do pão elevarão o seu preço talvez ao duplo do que consta da nova lei

**O POVO TEM QUE DEMONSTRAR A SUA SOBERANIA**

Já ontem, em ligeira crítica, nos ocupámos da medida governamental e parlamentar que altera sensivelmente os preços e o tipo de pão. Mas o caso merece maior relevo uma vez que se trata de mais uma ignóbil roubalheira feita ao povo—este povo dócil e humilde, cuja indiferença e cobardia tudo permite à vilanagem que impunemente tripudia com a sua saúde e com a sua miséria.

O que acaba de ser legislado em matéria de cereais, de moagem e panificação é um crime de lesa-humanidade dos mais tremendos, neste momento de angústias. E se o povo não se levanta contra a ladroagem do governo, da agricultura, da moagem e panificação—essa gente que parece ter-se conluiado para o matar pela fome—então mais ela será capaz de fazer e quando amanhã o povo quizer levantar-se já o não poderá fazer porque já nem nem forças terá para isso.

Diz-se que cada povo tem o seu governo que merece e se este conceito, pelo que com o pão se passa, pode ser aplicado ao povo português, então é certo que a sua desmoralização chegou ao máximo.

Mas, não! O que se observa é que o povo desconhece as manobras infernais do capitalismo, como ignora quanta vilania existe nas ante-câmaras dos governos e dos parlamentos.

O povo, assim, só vem a conhecer os efeitos de certas medidas governamentais quando estas já são factos consumados, que é já quando não se lhe pode opor. Depois protesto e reclamação, mas em vão, porque considera ao mesmo tempo, que o que já não tem remédio, remediado está, ficando-se na situação deprimente de conformado com a sua sorte.

Não tenhamos dúvidas que os homens do governo isto mesmo recordaram, certamente, quando se decidiram a promulgar o novo regime cerealífero. Sim, porque levou tempo a parir o aborto. E, entretanto, a moagem foi entregue a opinião pública com a sua polémica de intrigações, tal e qual como praticam os vigaristas quando se abeiraram do lórpa que vem à cidade para o roubar.

E tam habilmente o fez, auxiliada pelos seus agentes políticos e pelas somas que inevitavelmente dispenderam, que conseguiu o mais que é possível, no próprio momento em que a dor avassaladora maior número de lares onde os salários são miseráveis para acudir às mais instantes necessidades.

Esta lei constitui uma gazuza nas mãos dos lavradores, da moagem e panificação e do governo para este povo indefeso e desgraçado ser mais roubado.

Para se verificar até onde vai a cumplicidade do governo neste autêntico roubo feito à magríssima

bolsa do povo basta recordar que enquanto a produção cerealífera nacional foi deficitária em maiores proporções, o governo roubou o povo por diferentes formas para dar à moagem trigo por preços inferiores àqueles porque os adquiriu.

Precisava manter o chamado pão político a fim de aquietar o povo. E por esta forma, sem beneficiar o povo, ajudava a enriquecer a já poderosa moagem. Agora que já adquiriu o trigo em melhores condições—isto a despeito do câmbio estar a quatro—e que, se não podia ainda embarratear o pão, pelo menos poderia conservá-lo no preço anterior, refazendo-se das perdas anteriores, é agora, porque melhor vai a maré, que cede à moagem e aos lavradores todos os poderes para mais e melhor tripudiarem.

Há em tudo isto algo de tão baixo e repugnante que não ocorre outra classificação para os seus autores que não seja o de **ladrones, ladrões, ladrões!**

Ladrões os que legislaram; ladrões os lavradores; ladrões a moagem e panificação. Tudo rouba com o máximo de impudor, com o mais desvergonhado dos descaramentos.

O trigo exótico, ao câmbio actual, poderia ser importado a pouco mais de \$70. Pois agora ir-se há pagar o trigo nacional a \$83,8 e, portanto, mais caro.

Há uma tabela para as duas qualidades de trigo nacional, o mole e o rijo. Todavia há lavradores que não fazem caso algum dessa tabela e vendem pelos preços que querem. Chegam mesmo a pedir 1\$20. A moagem paga, porque tem tantas formas de cometer a fraude que isso não lhe faz diferença alguma.

Jamais os diagramas demarcados pela lei foram respeitados. Sempre a moagem conseguiu, pelo regime ilegal da «candonga» fornecer farinhas extra e a preços superiores aos da tabela.

No regime de tipo único a moagem fazia duas e três qualidades de farinha. Havia o pretexto da fabricação de bolachas para as quais algumas fábricas estavam autorizadas a fabricar uma pequena percentagem de farinha extra; mas todas procuravam fazer o mesmo para melhor extorquir o povo. Enquanto uma parte não comia o pão com o diagrama determinado na lei para o tipo único, outra parte era forçada a pagar o pão mais caro, a despeito da pseudo-fiscalização que era exercida.

Ora se esta fraude era já sistemática e seguida, no regime dos três tipos de farinha com lotes autorizados, é preciso contar com uma roubalheira maior, pois em vez de três tipos irá haver uma multiplicidade de tipos. Existe, por lei, uma percentagem

de 23 % de sementes ficando os restantes 77 para o pão-tipo único.

Pois agora, em vez de um só diagrama ficarão existindo: 3 de 15, de 42 e de 20 % dos quais, ao que prescreve a nova lei, sairão os dois tipos de pão.

Mas serão apenas dois tipos? Não. Haverá tantos tipos quantos os tamanhos. E o futuro o dirá.

Serão esses novos tipos, de pequenas dimensões, que determinarão a cessação da venda do tipo de segunda, mais barato que o de primeira, mas mais caro que o tipo único actual—é preciso recordar sempre—e infinitamente inferior.

Pois como poderá ser bom o pão fabricado com farinha inferior e em blocos de quilo?

Além da farinha mais ordinária, é preciso ter em conta que a moagem costuma fazer de 75 quilos de farinha quase 120 quilos de pão!

E como explica o governo a razão da existência no novo regime de pão de fracções com o peso de 450 gramas e de 500? Para que existe esta diferença de 50 gramas de uma em relação a outra? Porventura não tem o fim encoberto de dentro em pouco diminuir a fracção com 500 gramas, para ficar só a de 450 a fim de

ser vendida como sendo de 500? E ou não isto um roubo premeditado?

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não é pesado.

Por quanto virá a ficar um quilo deste pão?

Digam-nos agora se há maior desvergonha neste roubo, e se isto é ou não tripudiado com o povo que os atura e ainda lhes paga!

O governo não pode alegar ignorância. Os preços estabelecidos na nova lei foram combinados com a moagem, directamente ou por intermédio dos seus agentes políticos, que tem estado em permanente contacto com o governo e com os parlamentares.

Até o pedido de aumento de salários feito pelos operários manipuladores de farinhas o não servia aos moageiros e panificadores para arrancar ao governo os novos preços.

Essa gente estava mais do que sófrega. As suas garras estavam afiadas, os tentáculos em riste para mais uma vez cravar e sugar o depauperado povo, que não se salva enquanto não impozer a sua justiça de soberano.

### Cartas da Covilhã

## O ALBERGUE DOS INVÁLIDOS

Na terra dos tecidos, os pobres velhinhos não possuem uma sarpilheira para cobrir o corpo

O zelo, o interesse, o carinho que os poderes públicos tem pelas populações, vêem-se na maneira como eles tem organizado os serviços de assistência. O jornalista que deseja tomar o pulso ao estado de adiantamento dum povo deve fazer-lhe as suas instituições de protecção social. Não quiz faltar a esse dever de jornalista, e ontem, à hora em que o sol escaldante torrava as pedras das ruas estreitas da Covilhã, quando a luz intensíssima que de todos os lados jorava nos obrigava a encerrar os olhos doridos da luminosa violência, vergado ao peso do calor asustante, aventurei-me a um passeio até ao Albergue dos Inválidos do Trabalho.

Fui recebido com gentileza e não encontrei entraves aos meus desejos. Facultaram-me rapidamente a entrada. Enquanto esperava, durante breves momentos, a chegada da senhora gentilmente da instituição, que me mostrou todas as dependências do Albergue, gozei com delícia, o frescor reconfortante dum pequeno airo muito limpo, bem ventilado e bem lavado.

Pouco depois, a visita começou. Vinhos tudos, ou quasi todos: os dormitório arejados e alegres, que respiravam azeite, a cozinha e os refeitórios, a sala de visitas e a capela, a casa de recreações e o jardim—tudo em ordem, tudo bem cuidado, notando-se que havia ali uma inteligência vigilante e um coração bondoso, convido da

sorte dos pobres velhinhos abandonados de que aquele local procurava abrigo.

Se o arranjo, o método notável ao primeiro golpe de vista, não me escapou também, que muita pobreza, uma pobreza governada e atormentada e certamente esse espírito vigilante que tanto amor punha nos cuidados com que rodeava os bons velhinhos, alguns centenários, ingénuos e sorridentes como infantes.

Algumas palavras bastaram para conseguir a confirmação das minhas desconfianças.

Soubes então que os bons velhinhos pouco mais tinham para vestir que a pobre roupa cocada, já no fio que traziam no corpo; fui informado também de que os lençóis são deficientes, as colchas mal chegam para os albergados; e que o passeio quinzenal tem sido inúmeras vezes prejudicado pela falta de fardamento decente, capaz de aparecer em plena rua.

Preguntei então se o Estado não beneficiava o Albergue com o seu auxílio.

—Dá-nos apenas duzentos e cinquenta escudos mensais—respondeu-me.

E o Albergue gasta seiscentos por mês; só em pão!

Os auxílios particulares são fracos, são impotentes para sustentar uma instituição tão necessária na Covilhã, onde, a cada passo, encontro velhos esmolando, inválidos estendendo a sua

### O PREÇO DO PÃO

Os protestos contra os dois tipos e sua elevação de preço

Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército

Este Sindicato reuniu ontem para apreciar a criação dos dois tipos de pão e sua elevação de preço, tendo vários oradores lavrado veementes protestos contra a nova extorsão feita ao povo, depois de tantas outras por toda a casta de comerciantes e ainda pelos senhores.

A assembleia terminou por votar uma moção com extensos considerandos que terminavam com as seguintes conclusões:

1.º—Protestar energicamente contra a criação dos dois tipos de pão, bem como contra o encarecimento deste indispensável produto, assim como de outros;

2.º—Dar todo o seu apoio, quer moral quer material, a todo o movimento que tenda à maior parte do pão não é pesado.

Por quanto virá a ficar um quilo deste pão?

3.º—Comunicar estas resoluções à U. S. O. e manifestar-lhe o desejo de que seja a mesma a organizadora e orientadora de qualquer movimento de protesto com os objectivos expostos.

Comissão Municipal Comunista

Também esta comissão aprovou um protesto energético e um incitamento ao povo de Lisboa para que não consinta em que se brinque mais com a sua miséria e a que ocorra a todos os movimentos de protesto.

A mesma comissão realizou hoje, pelas 11 horas, uma sessão de protesto na rua do Arco Marquês do Alegrete, 30, 2.º, para a qual convidou o povo a assistir.

A onda cresce e ainda bem, para que se não diga que tudo dorme.

E' necessário que o povo corresponda ao protesto, no seu próprio interesse.

### Páginas Especiais

#### Aljustrel

A BATALHA publicará amanhã a anunciada página dedicada a Aljustrel. Nessa página se relatará a vida do sub-solo, verdadeiros horrores que os mineiros sofrem cotidianamente, além de várias e rápidas impressões através das quais se verifica o estado de abandono a que está votada aquela população de trabalhadores.

#### Covilhã

No próximo sábado A BATALHA publicará uma página dedicada à cidade de Covilhã. Inseriremos interessantes reportagens do nosso enviado especial e algumas gravuras, representando trechos daquela admirável cidade beira.

Regressava novamente às leituras de jovens e a minha face curvava-se, quasi se sumia, desolada, nas suas páginas que os caracteres tipográficos enegreciam, para depois se erguer desolada, com uma enorme e entristecedora vaga de preocupação. Lembra-me-me aquele polaco citado no Fradique Mendes que, não encontrando beleza no que lia, murmurava, torcendo os pulsos desesperado: «como é belo». Lembra-me-me, mas não torcia os pulsos, nem murmurava: «como é belo».

Sentia profundamente que aquilo tudo era chato, hediondo, oco e preguiçoso. Aquelles jovens não tinham juventude, os seus livros não tinham beleza e a mocidade do meu espírito desistiu de envolver numa corrida fantástica a fraza duma juventude que só na certidão de idade devia existir.

Está em moda publicar-se um livro. O que ontem era produto de reflexo e representativo de trabalho paciente, é hoje pretensão snob e pressa nervosa. Vinha-se para o público com inteligência, honestidade e técnica. Porisso cada obra era um acontecimento—e um acontecimento raro.

Hoje a publicação dum livro é uma vulgaridade espiritual, é uma exigência mundana, é a satisfação caprichosa duma vaidade.

Há meninas que entram na adolescência com os cabelos já oxigenados, a noção do pudor muito adulterada, uma máscara de hipocrisia bem afivelada,

## Literatos e literatas

Fala-se largamente «da sua arte»  
e «da sua geração»

um ou dois primos no passado e um livro de versos na montra duma livraria.

Vai-se ao livro e vê-se que a autora inventou extraordinários pretextos para encher algumas páginas, sem nada escrever. As primeiras vêm em branco, as segundas sylvam-se com dedicatórias e a pobreza do texto é muito dividida e sub-dividida por páginas que uma só palavra enche.

Ataca-se com boa vontade as páginas que a autora não pôde sofismar. Então desfila toda uma série de histórias chocas, desprovidas de bom senso, vadias de beleza. Narram elas beijos que o amor lhes espetou nas faces, abraços que se estreitaram por paixão, paixões e amores monstruosos, parvos e irreparáveis.

Por vezes chora-se, simuladamente, lágrimas de pó de arroz e perfume chic sobre uma Madalena que se não curvou ao arrependimento—que do pecado nasceu e no pecado viveu e morreu.

Toda esta metrificação seca de beijo e abraços, não tem a salvação uma exteriorização artística, uma intenção moral, um temperamento apaixonado. Não tem nada. Nada que não seja impudor, sifilis, pretensão.

As mães babam-se de gozo, os papás pagam a edição e as meninas leem, apesar da sua educação conventual, com o consentimento de quem se curva perante a exigência de ser chic.

Há «meninos» absolutamente incapazes de abranger um ideal superior e adaptá-lo ao seu temperamento; que nada são de útil, que nada estudam de prático, que nada sabem da vida.

Nasceram para falar, para flutuar as famílias, para lhes desperdiçar o dinheiro obtido por vezes de maneira que se não compedece com a moral ou com o interesse colectivo.

Vão para a escola e não estudam, entram na vida e não trabalham. Pois são estas espantosas e aterradoras nulidades quem constitui a maioria dos autores de livros que as livrarias mostram através da lâmina de vidro das suas vitrines.

Se deliberam ser poetas—e a sua vaidade tem a soberania da escolha—afirmam Antero de Soveral, António Nobre falsificado, José Duro para inglês ver. Tomam atitudes filosóficas, sem ter lido filosofia, choram sem que da vida se lamentem, fingem possuir infelicidade no amor, quando no fundo eles se contentam com o sentimentalismo grosseiramente epidémico das suas «pequenas».

A poesia passou a ser o veículo predilecto dos imbecis.

Mas se eles falam em prosa, adivinha-se que nada tem para dizer, lê-se que nada são capazes de dizer e conclui-se que não vale consumir prosa com tam ridículos e daninhos prosadores.

Preguntá-se para finalizar:

Estes bonecos constituem geração que a sério possa ser tomada, e ao seu aproveitamento pôde, em boa lógica, chamar-se a sua arte?

Cristiano LIMA

### C. G. T

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

Comissão do horário

Reúne hoje às 21 horas.

### A situação de A BATALHA

Grande excursão à Barra e ao Seixal

Reuniu ontem a grande comissão pró-A BATALHA promotora desta excursão e tendo verificado ser grande a procura de bilhetes a ponto de já se acharem esgotados, resolveu mandar fazer mais bilhetes.

Vai chegar mais um vapor, esperando a comissão que todos os camarás da que ainda não tinham bilhetes os procurem na redacção de A BATALHA ou no gabinete da Comissão.

Covilhã, Agosto, 1922.  
Mário DOMINGUES



Concepção que diz que a revolução não é uma acção imediata, diária, permanente, preparando todos os dias a revolução, encaminhando o proletariado para a revolução, tem necessidade pelo contrário de efectivos numerosos, amonitados nos sindicatos; ela tem necessidade de sindicatos repletos, cheios prestes a rebentar. Há uma tese que viria combater ainda que boa vos pareça: é a nossa.

E nós pensamos que para ter justamente esta força sindical, não somente representada por militantes desseminalizados, por alguns punhados de militantes, mas representada por massas enquadradas de militantes, nos nossos sindicatos e por toda a parte, seria preciso colocar as lutas de tendências ao de cima das considerações mais terra a terra, mais imediatas.

A saída mesmo do Congresso Unitário, nós somos forçados a tomar posição — Colomer não renegará as suas declarações do *Libertaire* — e nós somos obrigados a tomar posição perante esta consideração anarquista, perante este método anarquista ou antes sindical-anarquista impellido o sindicalismo sob o sol reconfortante da anarquia. Eu compreendo isto, se bem que não seja anarquista.

Temos uma concepção diferente desta definição da anarquia.

Fomos obrigados a tomar posição no seio da C. A. e publicamente, depois de ter feito todas as concessões para que esta discussão de tendências não viesse desviar de nós as forças de que precisamos, quer sejam marxistas ou comunistas. Tomámos posição no último momento e é esta posição que defendemos.

Veber apela para um passado recente; outros foram mais longe que ele

e declararam num Boletim redigido em Berlim pelos futuros secretários da Internacional anarquista em formação, que nós eramos os continuadores da gente da rua de Lafayette. Isto não tem importância.

Nós compreendemos a Revolução russa

Se nós fomos até ela, foi depois de ter muitos esforços para apaziguar não somente a revolução russa, mas para a compreender. É fácil viver toda a sua vida sobre o seu passado, ficar menino de côr ou anarquista, com a cabeça plena de sentimentos e de ideologia.

Eu conheço indivíduos que tem a cabeça cheia de ideologia anarquista e que foram defensores da República burguesa e capitalista durante a questão Dreyfus. E eles levaram-se hoje... (Risos. Interrupções.)

Eu julgo que não insulto ninguém. (Vozes numerosas: Não! Risos.)

Certamente, não é cómodo defender a República sem defender os republicanos.

É um trabalho que não é fácil de fazer; quando se salva a República, salva-se os republicanos de momento; quando os mesmos indivíduos hoje se levantam contra os militantes da Revolução russa, em desafio os se não se levantam ao mesmo tempo contra toda a Revolução russa. (Aplausos.)

A Revolução russa, são os seus militantes; como a República, são os republicanos. A Revolução russa sem os seus militantes é uma abstracção. Não se separa para isto daquilo.

Tudo mudou na sua vida, Veber, e todos os arcos-iris da vida social deram em 1914, a prova de que os anarquistas, como os comunistas e os sindicalistas, estavam num pé de perfei-

# O SINDICALISMO EM MARCHA

## 1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

ta igualdade no terreno dos renegados. (Aplausos.) (Interrupções: «Isso não é verdade» — «Houve outros renegados no passado».)

O Congresso de Marselha

O Congresso de Marselha desenrolou-se em condições análogas ao Congresso anarquista de Lyon. Não era já a alma anarquista que era preciso pôr nas fileiras do sindicalismo; era a alma comunista, do Partido Comunista, do erguemo-nos dum mesmo impulso, contra essas pretensões; porque, nós não somos nem dum lado nem do outro lado; nós somos alguns indivíduos que proclamamos: «A vanguarda do sindicalismo está no sindicato; em nenhuma das suas manifestações, das suas decisões ou das suas acções, o sindicalismo foi procurar, fora dele, a sua vanguarda. O sindicalismo basta-se a si próprio. Vive sobre si, nos seus quadros, com os seus quadros, com a sua vanguarda composta de comunistas, de libertários, de sindicalistas, de sem-partido, de militantes revolucionários».

Hoje, a luta está travada; é preciso pronunciar-se por um ou outro lado; se não quiser pronunciar por um ou outro, corre-se o risco de ser destruído, esmagado entre as duas tendências.

Porisso é que nós somos políticos, iludidos ou cúmplices do Partido. Os anarquistas e os federalistas tem-no perseguido com estes epítetos e tem-no empregado ainda outros.

Federalismo e Centralismo

Visto que tomamos parte nos debates, examinemos a Revolução; examinemos o nosso sindicalismo em acção. Nós falámos da União anarquista, do Partido Comunista. Falemos agora de federalismo. Porque, federalismo e comunismo são duas coisas que não são inteiramente semelhantes.

O federalismo, governo das coisas, opõe-se ao centralismo. Vós podéis muito bem, camaradas federalistas, redigir uma resolução juntamente com Colomer, que é partidário da sindicalização individualizada. (Risos.)

Podereis encontrar facilmente um terreno de entendimento e deveres estar de acordo. A sindicalização individualizada é um termo, uma fórmula federalista que é preciso virdes defender aqui... (Aplausos) contra a fórmula comunista; é sobre isso que o debate se vai travar.

Sindicalização individualizada, federalismo contra a centralização, é a tese da Revolução e toda a acção cotidiana

estabelecida sobre a auto-consciência das massas operárias.

Mas, isto são fórmulas, cavalos de batalha que não se seguram em pé; os anarquistas querem dar uma alma ao sindicalismo, porque a auto-consciência tem-se medo das palavras, porque não se quer reflectir. Reflectir-se talvez, mas tem-se medo das palavras, tem-se tradições, tem-se vivida com um brevíssimo na algebrá e a cabeça cheia de ideologia; aplica-se a violência, a força e a centralização a todo o custo e desfaz-se isto sob a bandeira da anarquia e do federalismo. Está ali todo o mistério da batalha de hoje.

Eu peço aos nossos camaradas para se concentrarem um pouco em si mesmo e de observarem minuciosamente o mecanismo duma greve, de examinarem o que vale a auto-consciência, de verem que caso se faz disso em período de greve, de passar ao crivo do seu espírito crítico, não às fórmulas abstractas que se vem divulgar nas tribunas, mas de examinar os factos cotidianos. Não há um dentre nós que possa afirmar aqui que uma greve, que uma acção de greve, local, regional ou geral, assenta sobre a auto-consciência das massas operárias. Porque se ela assentasse so-

bre a auto-consciência das massas operárias, não haveria mais necessidade de fazer greve; a revolução estaria feita, e leide o tempo que a auto-consciência existe. (Vozes apassadas.)

Centralismo e federalismo! Vamos lá a isso! Ah! vós tazeis Pelloutier para esta tribuna! Vamos delatá-lo em cara como a muitos sucede com Jaurès. Copiastes de Pelloutier o que servia a vossa tese e deixastes ficar o que servia à nossa. Pelloutier não escreveu somente algumas linhas ou algumas páginas; ele escreveu isto, por exemplo: «O que seriam o Estado, o governo, a classe dirigente, se não tivessem concentrado num ponto único do território todas as engrenagens da vida social: ministérios, parlamento, bancos, universidades, todas as instituições susceptíveis de proteger essas engrenagens: exército, magistratura, polícia?»

E esta centralização, o Estado não a proclama o fundamento mesmo da ordem social? Não se declara ela a potência por assim dizer irrisível quando reúne a acção aos seus adversários e põe a municipalidade de Paris, por exemplo, fora do direito comum?

Ora, se a centralização é boa para a classe dirigente, não deve ela sê-lo para a classe operária e, enquanto que o Estado concentra os seus meios de defesa, temos nós o direito de dispersar os nossos?»

É Pelloutier quem diz isto: «Vireis aqui fazer o processo de Pelloutier! (Aplausos). Quem mais aquele que adoteis há alguns dias; será o bom Deus com duas pessoas! (Risos).»

Sem dúvida, diz Pelloutier, nós somos federalistas, sem dúvida nós devemos cessar de reivindicar a autonomia, a divisão dos poderes, a diminuição da autoridade central, mas essas reivindi-

cações, devemos aplicá-las a nós mesmos?

«Evidentemente não, sob pena de sermos nós mesmos logo mortos!» Isto é tão verdadeiro, Leccin, que quando nós tomamos a liberdade de publicar um contra-projecto, tu pediste penalidades para os indisciplinados que eram nós! (Aplausos.)

Todos estes pequenos incidentes provam que as fórmulas não valem nada quando se é obrigado a tomar posição sobre os factos e quando se deixa arrastar para que a anarquia esteja aos varais sindicais! Dir-se-há, sem demora, que somos todos federalistas e far-se-há uma resolução de unidade!

Centralismo? — Federalismo? — Nós somos nós, os centralistas, e vós sois vós, os federalistas.

Integrals? — Nós? — Vamos a isso!

Federalismo — Fórmula de organização que os partidários não tem ainda podido pôr em execução nas suas próprias organizações sindicais. (Aplausos.)

Federalismo? — Fórmula de organização em nome da qual se centraliza a C. G. T. em 29 regiões, quando ela estava dividida em 80! (Aplausos.)

Federalismo! — Fórmula de organização sindical que temos procurado aplicar defendendo — oh! não, como sendo os primeiros, nós não damos tal diploma! — tanto quanto temos podido o princípio de organização dos sindicatos sobre a base dos comités de fábrica e dos delegados de oficinas, organização que é preciso ainda pôr de pé.

Federalismo? — Fórmula de organização, mas não é uma fórmula de acção!

(Continua.)

## Pelo Algarve

# Impressões ligeiras

### De como o "reporter" viu e sentiu algumas coisas algarvias

Já conhecíamos o Algarve, embora de fugida, quando do movimento grevista dos ferroviários do Sul e Sueste em 1920. Percorremos, no comboio de exploração que conduzia o respectivo comité, parte daquela região encantadora. A população algarvia recebia, com um entusiasmo que tocava as raízes do delírio, a chegada desse comboio. As manifestações eram bem expontaneas, o entusiasmo era delirante.

Foi a primeira vez que visitámos o Algarve e os seus habitantes tivemos a impressão de que era um povo em que palpitava um coração para vibrar nos grandes momentos.

Quando embarcámos e seguimos no comboio especial, que ia inaugurar o ramal Portimão-Lagos, recordamos essas horas de entusiasmo que vivemos há mais de dois anos. Contávamos assistir a momentos idênticos, porque uma nova linha férrea devia ser alguma coisa que animasse o povo numa região como aquela.

A nossa desilusão foi completa! As estações do novo troço do caminho de ferro estavam repletas de povo, é certo; porém não se manifestava. Assistia à chegada do comboio que inaugurava aquela linha com uma frieza glacial! Olhava para tudo com uma indiferença espantosa.

Que estranha psicologia a daquela gente, que deve ser como a restante gente dos outros pontos do Algarve, que vibrou de uma louca alegria quando teve conhecimento da vitória dos ferroviários, há dois anos, transmitida pelos camaradas que seguiam no comboio de exploração!

Até, como já dissemos, nem se moveu, na estação de Mexilhoeira Grande, ao dar-se a explosão de foguetes, a dois passos da gare, que trashedava de povo!

Já conhecíamos o Algarve, como dissemos a princípio destas despretenhosas notas; conhecíamos os seus habitantes, embora muito de passagem, mas o suficiente para aquilatar-mos dos seus costumes!

Reconhecemos os francos e diligentes, sempre prontos a todos os desejos, os seus mínimos desejos. Isto há dois anos. Hoje temos diferente opinião.

No domingo, porque o banquete era só para aqueles que tinham lampada acesa naquela Meca algarvia, no que se referia a representantes da imprensa, sendo a maioria destes quasi obrigada a permanecer na mesma atitude dos mendigos à porta dos antigos conventos, esperando o tradicional caldo, o

que nos levou a procurar onde satisfazer as necessidades estomacais, — no domingo, dizíamos, percorremos Lagos em todas as direcções, os seus hotéis e restaurantes, e em nenhuma destas casas havia de comer, nem nos davam a esperança de o conseguir. Tudo isto com umas respostas pouco amáveis, que nos deixou uma impressão desagradável e muito em contradição com o que apreciámos há tempos.

Numa terra onde sobejam as fabricas de conservas, muito a custo conseguimos umas latas de atum, mais caras que em Lisboa! E julgamos que por muito favor...

Foi assim que conseguimos, já depois de comprados outros géneros também com alguma dificuldade, confeccionar em determinado restaurante, no qual fizemos activar o seu pessoal, até ali dum indolência condenável, um almoço detestável, porém, em momentos de fome, verdadeiramente lauto e superior — eram mais de 16 horas!

Os camaradas de outros jornais que nos acompanhavam e que foram dum actividade merecedora das maiores elogições, — na razão directa do progressivo enfraquecimento dos nossos estômagos, — classificavam aquele povo de indolente.

— E a prova, acrescentavam, está na explosão de Mexilhoeira Grande. Ninguém se moveu. A indolência não o deixou ver o perigo que corria...

E mais uma vez ficamos indecisos sobre a verdadeira psicologia daquela gente.

As belezas naturais do Algarve compensaram-nos, porém, da falta de comodidades, se bem que esse consolo espiritual não fosse o suficiente para o consolo ou satisfação do corpo.

A linha férrea corta uma região cheia de beleza e de encantos, que nos faz esquecer por momentos esta vida de canseiras e de preocupações que a todos os instantes avassalam o nosso espírito.

Outro tanto não poderemos dizer do Alentejo, onde a aridez da sua paisagem e a incuria dos senhores da terra, que criminosamente deixam incultos tantos quilómetros de terreno, nos dá uma impressão desagradabilíssima.

E para coroar essa péssima impressão, até na estação de Beja, localidade que julgamos denominar-se o celeiro do Alentejo, quando do regresso não encontramos pão!

Foi uma viagem esta até ao Algarve que não nos deixou saudades, embora noutra ocasião já tivéssemos afirmado o contrário — e com justiça.

F. S.

**AVISO**  
Previne-se o público que no  
TEATRO MARIA VITORIA  
Continua em scena a revista  
**LUA NOVA**  
HOJE — Récitas da Moda

**Coliseu dos Recreios**  
Todas as noites às 21 (9 horas)  
Companhia Italiana de Opera  
Hoje — ESTREIA — Hoje  
em Portugal da grandiosa opereta do  
maestro STOLZ  
**A Dança da Fortuna**  
que no estrangeiro obteve um  
sucesso colossal  
Magnifico desempenho — Scenário  
deslumbrante — Música deliciosa  
Arte — Frescura — Comodidade  
Brevemente — ESTREIA da deliciosa  
opereta  
**AGUA SERENA**

## TEATROS & CINEMAS

Noticias

Mantem-se, inalterável, através de todas as concorrências, a aflicção do público, ao teatro de S. Luis, onde ontem, na recita da moda, se reuniram muitas famílias da sociedade elegante. Hoje, ali, repete-se a *Revista de Praxedis*, peça com fina critica e belas situações, do mais imprevisto relevo cómico, tudo realçado por um ótimo desempenho e magnificente apresentação, no que se refere a scenários e guarda-roupa.

A companhia Otelo de Carvalho, que durante o inverno próximo vai representar no teatro Nacional do Porto, onde se estreia a 1 de Setembro, leva no seu elenco os seguintes artistas: Laura Costa, Desinda Macedo, Júlia de Assunção, Honorina Cruz, Dinah Stechini, Marília Mesquita, Dulce Menezes, Idalina Moraes, Dina Moreira, Adelaide Santos (discípula), Otelo de Carvalho, Alberto Ghira, Santos Carvalho, José Moraes, Casimiro Rodrigues, Telmo de Sousa, A. Rosa, José Guedes (actor e contra-regra) Armando Ferreira e Joaquim Pinto (ponto). Secretário, Ricardo Lambert, director de orquestra, António Lopes, e 24 coristas e bailarinas.

— Os principais papeis da comédia *Aventuras de Rafael*, com que no próximo sábado repete o elegante teatro de S. Carlos, são desempenhados por Berta de Bivar e Joaquim Prata.

— No Teatro Chiado Terras proseguem activamente os ensaios da revista *Trólar*, que na próxima semana sobe à scena com todos os seus quadros da primitiva e numerosas atrações.

Os ensaios estão sendo dirigidos por Rosa Mateus que ensaiou a festejada revista, a quando da sua apresentação no Salão Foz. Os papeis da «Pescadora do amor», «Mazantino» e «Pintadinho» creídos por Elisa Santos, serão interpretados nesta sensacional «repise» pela distinta actriz Julieta Rodrigues.

Reclames

Mais uma magnifica estreia nos dias hoje, no Coliseu dos Recreios, a deliciosa companhia Pancaia, a grandiosa opereta do maestro Stolz, *A Dança da Fortuna*, que pela primeira vez é representada em Portugal e que no estrangeiro obteve um êxito formidável. Bem posta em scena, com música lindíssima e um impecável desempenho, *A Dança da Fortuna* vai causar grande entusiasmo entre os amadores da arte.

— Hoje, as duas sessões do teatro Maria Vitória, no Avenida Parque, são em recitas da moda, o que quer dizer que a concorrência será numerosa e também das mais selectas, tanto mais que a peça que vai a scena é das que, pelas suas grandiosas atrações, se impõem ao apelo de toda a gente de bom gosto: é a revista *Lua Nova*, que ainda não encontrou rival.

— Contam-se no Eden por encontros colossais as representações de *As Duas Garotas de Paris*, que, depois de terem causado sensação no romance e no «film» cinematográfico, subordinados ao mesmo título, estão agora conquistando o maior entusiasmo, numa feliz adaptação a scena, feita pelo illustre escritor Eduardo Schwalbach. Hoje repete-se *As Duas Garotas*, o que equivale a anunciar outra enchente no Eden.

— O Apolo continua tendo sucessivas enchentes com a revista *Pica Pau*, que prosegue aqui a sua carreira gloriosa do Porto, aonde deu 200 representações.

A sua graciosidade há a notar mais a alegria da interpretação e o actor muito brilha, como astro scintillante da revista, a gentil Salambó, e o aparato e originalidade das apoteoses que são uma maravilha. Hoje, no Apolo, repete-se o *Pica Pau*.

— De dia para dia vai aumentando o entusiasmo pela fina e chistosa comédia *O Pirata das Berlangas*, na qual toma parte o popularíssimo actor Nascimento Fernandes, que imprime ao seu personagem toda a sua graça, acompanhando-o a sua colega a distinta actriz Cremilinda de Oliveira, que com a sua graciosidade permitem que os espectadores estejam em franca gargalhada durante os três actos.

O teatro Avenida é, pois o ponto de reunião dos que desejam passar umas horas agradáveis.

**A BATALHA**

no Barreiro vende-se na leitaria *Lá vai* Rua Joaquim António de Aguiar.

## VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

**Sindicato Unico Metalúrgico.** — Reúne antontem a assembleia geral deste sindicato, a qual depois da leitura da acta da sessão transacta, que foi aprovada com algumas emendas, apreciou diverso expediente, resolvendo que a administração lhe desse o devido andamento.

Do expediente constava também o pedido de demissão de Armando Martins, do cargo de secretário geral. Sendo apreciado, foi aquele pedido objecto de viva discussão por parte da assembleia, usando da palavra sobre o assunto Joaquim da Silva, Júlio de Matos, Joaquim de Sousa, Francisco Viana, Adriano Correia, Jacinto Rufino, José Luís Gomes, Joel Pontes e Fernando de Almeida Marques.

A maioria destes camaradas não se conformando com o pedido de demissão por não ser acompanhado duma justificação aberta e leal e porque a atitude anterior desse camarada se não harmonizava com a sua ulterior conduta, lamentando e verberando tal facto, resolveu aguardar que Armando Martins viesse a uma oportuna assembleia justificar-se, visto achar-se exacta de censurar, por se encontrar fora de Lisboa. Nesse sentido foi aprovada uma proposta de Júlio de Matos e para que fosse também já preenchido o cargo de secretário geral.

Na mesma ordem de ideias se manifestou Fernando Almeida Marques achando injustas quaisquer manifestações extemporâneas da assembleia por o referido camarada não poder comparecer.

Passando-se à ordem dos trabalhos, fez-se a nomeação dos seguintes camaradas para recomposição dos corpos gerentes:

Comissão administrativa — Henrique Firme, secretário geral; João de Oliveira, adjunto; Joel Pontes, administrativo; Joaquim Firme da Silva, arquivista; António Sarrião, tesoureiro; José Marques e Alvaro dos Santos, vogais.

Caixa de solidariedade — Paulino da Rocha, Joaquim da Silva, Henrique Gomes, Acácio Ferreira e Joaquim Feliciano.

Delegado à Federação António Ferreira.

Sendo pela comissão administrativa presente à assembleia um velho assunto que materialmente muito tem prejudicado o sindicato, foi resolvido que aquêlla ficasse o encargo de no mais curto espaço de tempo normalisasse essa situação com o organismo a que o assunto diz respeito, levando o depois à assembleia no caso de insolução, afim de resolver como julgar conveniente.

Não podendo, em virtude do adiantado da hora, ser resolvidos os restantes números «Carreira da vida e relações internacionais» foi a sessão suspensa para continuar amanhã, sexta-feira, por alvitre de Gonçalves Vidal, que a mesma presidia.

Pelos dois importantes assuntos a tratar, especialmente «carreira da vida» agravada pelo decreto da fome que criou os dois tipos de pão, é de esperar que a reunião seja bastante contrariada, a fim de resolver a atitude a seguir, na hipótese dím movimento de protesto que a organização central leve a efeito.

**Secção Profissional dos Cantieiros e Polidores de Mármore.** — Reúne esta secção em assembleia geral para tratar de vários assuntos de interesse para a classe. Foram nomeados o camarada Edmundo da Silva delegado no conselho técnico, José Casquilho e Carlos Ribeiro para a comissão escolar.

Occorreu-se ao S. U. C. G. de Lisboa, no sentido de realizar uma reunião magna de protesto contra o aumento de preço do pão.

**CONVOCAÇÕES**

**Federação da Construção Civil.** — *Bálsa de Trabalho.* — Devem comparecer hoje, pelas 15 horas, os serventes e caçiros inscritos, para efeito de colocação.

**Sindicato Unico Metalúrgico.** — Reúne hoje, pelas 21 horas, todos os camaradas que foram nomeados para a Comissão Administrativa e Caixa de Solidariedade.

**Associação dos Compositores.** — São convidados a comparecer à reunião de hoje da Comissão Administrativa os camaradas Anibal Cruz e Camelo, da Comissão *Pró-A Batalha*, a fim de serem esclarecidas umas dúvidas suscitadas por insinuações do primeiro dos convidados.

**S. U. Mobilário.** — Para continuação de assuntos pendentes, reúne hoje, às 19 horas, a assembleia geral deste Sindicato.

**Sindicato Ferroviário.** — Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão de Melhoramentos para continuação dos trabalhos.

**Operários cerâmicos.** — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, para a comissão administrativa apresentar os respectivos haveres e ser nomeada uma comissão para rever as contas da direcção transacta.

O delegado dos acidantes no trabalho, camarada Manuel dos Santos, fará uma palestra.

**Inscritos marítimos.** — Reúne hoje em assembleia geral às 20 horas para deliberar sobre assuntos de grande urgência e interesse para a classe.

**Corticeiros de Lisboa.** — Reúne hoje na sede da associação pelas 19 horas, a assembleia geral, a fim de apreciar o aumento do preço do pão.

**SINDICATOS**

**União dos Sindicatos Operários de Almada.** — Reúne hoje o conselho de delegados, na Associação dos Corticeiros.

**Descarregadores de Mar e Terra de Almada.** — Reúne hoje, às 18 horas, em assembleia geral, para tratar de aumento de salário, situação de *A Batalha* e Congresso Operário.

**Pró-presos por questões sociais**

**Comissão central**

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão para tratar de assuntos urgentes.

Pede-se a comparencia do secretário administrativo.

Esta comissão recebeu do camarada António Martins Godinho, ferroviário da C. P., a quantia de \$50.

**Vida politica**

**Federação Municipal Socialista.** — Para tratar dos momentos assuntos do pão caro e das 8 horas de trabalho, a Comissão Executiva convida os trabalhadores a quem o assunto interessa e todos os delegados da F. M. S. a vir tomar parte numa sessão que se realizará hoje às 21 horas na Rua do Bomfuro, n.º 150, 1.º devendo usar da palavra os srs. Amancio de Alpoim, Luisluis Batalha, Martins Santarém, Ramada Curto e outros que se inscreverem.

**Juventude Comunista do 3.º Bairro.** — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia constitutiva desta juventude. Rogamos a comparencia de todos os sócios, bem como de toda a moçada trabalhadora do 3.º Bairro.

**Trabalhos de organização**

**Sindicato Unico dos Empregados do Comércio de Lisboa**

Reúne amanhã, sexta-feira, a convite da Federação dos Empregados do Comércio (Zona Sul) os delegados das associações de especialidade afim de iniciar a discussão do projecto de estatuto do Sindicato Unico dos Empregados do Comércio de Lisboa.

**Ultimas noticias**

**Uma absolvição**

BRAGA, 2. — N. Francisco Pimentão, acusado de delito de carácter social, julgado hoje, sendo absolvido. S. U. da Construção Civil.

**Grande Comissão pró-A BATALHA**

Reúne amanhã, sexta-feira, pelas 21 horas, devendo comparecer todos os comissionados a fim de lhes serem distribuídos os cargos que devem tomar na direcção da excursão.

## ONORARIO DE TRABALHO

**Horário do trabalho e carestia da vida**

Para tratar da regulamentação do horário do trabalho, da criação dos dois tipos de pão e da carestia da vida em geral, realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na rua do Alívio, 71, pálio, um comício público, promovido pelo Centro Socialista de Alcântara e F. M. S. de Lisboa, devendo fazer uso da palavra: dr. Ramada Curto, dr. Amancio de Alpoim, Alfredo Franco, Dias da Silva, António Pereira, Mario Silva e Sousa Neves.

**União Têxtil**

Reúne este sindicato a fim de apreciar diversos assuntos. Depois de lançar um voto de louvor aos operários têxteis da Covilhã pela vitória que alcançaram, resolveram dar todo o seu apoio à U. S. O. para que a mesma faça um movimento em prol das 8 horas de trabalho. Protestaram energicamente contra o novo regulamento e apelam para que todas as classes trabalhadoras se movimentem no sentido de reconquistar as 8 horas de trabalho e de impedir os abusos dos senhores.

**Caixeiros de Lisboa**

A grande comissão pró-8 horas reúne hoje, pelas 21 horas, na Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa.

## Classes que reclamam

**Gráficos desempregados**

São convidados todos os camaradas sem colocação, sendo associados, a inscreverem-se no boletim que amanhã deve estar patente na oficina sindical, na travessa da Agua de Flor, 35. Pede a comissão administrativa da Associação dos Compositores que nenhum desempregado deixe de inscrever-se para poder dar cumprimento ao resolvido na sessão de 28 de Julho.

**Manipuladores de pão**

O comité previne a classe, afim de não tomar qualquer resolução sobre as suas reclamações, sem ser por intermédio do sindicato.

**Operários barbeiros**

A União dos Empregados Barbeiros de Lisboa vai efectuar várias reuniões magnas para a comissão de melhoramentos expor à classe o resultado das «demarches» realizadas sobre aumento de salário, descanso no domingo, horário de trabalho, etc.

A primeira dessas reuniões terá lugar hoje, pelas 21 horas, na sede do respectivo sindicato, rua Arco, Marques do Alentejo, n.º 30, 2.º, devendo comparecer, alem de todos os operários barbeiros, delegados das comissões pró-8 horas e de *A Batalha*.

## Operários mobiliários

**NOTA DO COMITÉ**



# "A Batalha" no Pôrto

## PELA INDÚSTRIA TÊXTIL

Como os Pinto de Azevedo no Pôrto, também os Narciso de Riba de Ave estão "empobrecidos" tendo os seus escravos a trabalhar 10 e 12 horas—O exemplo da Covilhã—Um patifório—Horário de trabalho—O vício caseiro

Há semanas que nada dizemos a respeito do que vai pela classe têxtil. E no entanto, muito há que informar. A vitória alcançada pelos operários têxteis da Covilhã bastante veio influir na classe congénere desta cidade, a qual vai movimentar-se no sentido de conquistar um melhor bem-estar, visto que recentemente os seus salários são irrisórios.

O industrialismo, um pouco embaraçado com a reclamação que lhe vai ser entregue, porque ele já sabe do que se prepara, vai alegando de antemão que a indústria não está assim muito próspera, prevendo-se até uma próxima crise. São sustos que se pretende meter aos escravos para que eles não exijam dos avaros patrões aquela cota parte a que tem fô e da qual são violentamente esbargados.

De quanto estão arruinados os industriais têxteis, nós vamos demonstrá-lo com uns dados que nos forneceram de fresquinho, dados eloquentíssimos que habilitam o produtor a pensar no enorme roubo de que é vítima.

Em Riba de Ave existe uma importante fábrica pertencente a um tal Narciso Ferreira, que naquela terra é a mesma coisa que nesta invicta é o sr. Manuel Pinto de Azevedo, um nababo e um esmolador, para encobrir, justificar, as suas traficâncias. Como Pinto de Azevedo, era um pobretão, um farruquinho, quasi que vivendo de esmolas, pôsto que mesmo como tecelão manual não era grande coisa.

A' custa de expedientes vários foi-se aguentando até que conseguiu estabelecer-se. E' claro: como a indústria não dá nada, e como é bastante amante dos seus antigos colegas de infortúnio, pôde amontuar uma fortuna colossal, a comprovar evidentemente a grande ruína industrial. O antigo tecelão Narciso Ferreira, hoje ornamento da classe capitalista, tem quatro filhos, de nome Delim, José, Raul e Alfredo, enriquecidos igualmente. ... com o suor do seu rosto, roubando o semelhante. Há umas poucas de semanas, o pai Narciso Ferreira fez anos, o que quer dizer que houve frescos regabofes, discursos, champagne, bebedeira. O filho Alfredo Ferreira foi quem este ano pagou o banquete ao qual assistiu o supracitado Manuel Pinto de Azevedo, autor das cantinas do Bomfim, a que nos temos referido por diferentes vezes.

Certamente não de valor que o jantar comemorativo foi uma coisa singela, simples, modestamente íntima. E' admirável, porque ele custou a módica, a peneira quantia de vinte e cinco

contos. E para que aqueles senhores industriais arruinados não vislumbressem a menor comparação com Nero, foram daqui, do Palácio de Cristal, as cosinheiras e as criadas para os servir em pomposidade.

Vinte e cinco contos não é muito; quem tem, como Alfredo Ferreira, uma capela em casa e um padre para dizer missa e ensinar a inversão dos dez mandamentos da lei de Deus, podia gastar muito mais, muitíssimo mais, porque lá estão os desgraçados operários a trabalhar em Santo Tirso, Riba de Ave, 10 e 12 horas por dia, para angariarem um salário ridículo, uma miséria que revolva todo aquele que possui um pouquinho de sentimento e de pensar.

Ora precisamente porque a indústria não dá grandes lucros para que se possam dar jantares superiores a 25 contos, para a devoração de opiparos aceites, para a escociação de deliciosos licores, para o sensualismo de lindíssimas mulheres é que os operários da especialidade de tecelagem de seda, animados com o gesto da Covilhã, resolveam reclamar 60% sobre as actuaes tabelas de preços, visto que se julgam no direito de comer um jantar... de seis vinténs, pelo menos. ... E os 60% a mais nos seus ordenados, ainda não lhes concede o luxo de ter capela e padre dentro de casa.

Já que tocamos em assuntos têxteis, narremos esta circunstância. Na rua da Torrinhã está instalada a Fábrica dos Marinheiros. Um sr. Adelino foi mestre, e quando exercia este cargo, por malandrice ou por incompetência, estragava as telas todas na engomadeira, de tal maneira que as operárias não podiam trabalhar com elas, pelo que chegavam a levar a fôrca de 4000 semanal!

O mais engraçado é que o patifório culpava os afinadores daquele caso, o que os fez revoltar.

Naquela fábrica há menores de 10 e 11 anos, apesar de se não achar uma que não proíba o alistamento daqueles menores nas fábricas, lei aliás que, vindo da monarquia, a república não cumpre, por ser muito democrática. Pois o Adelino, sempre incompetente, confiava a essas crianças, que precisam de escola, serviços de responsabilidade, tais como de remete-las. Como resultado, as teias partiam-se duas e três vezes, devido ao que as desgraçadas operárias adultas sentiam os naturais efeitos: as asneiras do Adelino e os erros das petizas faziam com que as escravas estivessem a trabalhar longos

dias para ganharem uma côdea. E se não estivessem bem—rua, que é sala das côdeas e das cadelas!

Felizmente, o pessoal soube-se impôr, e o mestre, o tiranete, o patife teve baixa de pôsto, ocupando actualmente o seu lugar um operário de nome Moura. Aludimos a isto, por dois motivos:

1.º—Porque ainda há por essas fábricas têxteis muitos Adelinos que reclamam, não só baixa de pôsto, como expulsão, a principiar pelo mestre Toucinho, da fábrica de Barros Lima, a quem, qualquer dia, nos havemos de referir.

2.º—Porque a atitude do pessoal da fábrica Jacinto, deve-se, em parte, à campanha que temos sustentado contra os verbuges da classe têxtil.

Neste momento em que as classes operárias se estão manifestando contra o regulamento-burlo do horário de trabalho, convém acentuar que na fábrica da Azeosa os afinadores, depois das 8 horas de trabalho normal, têm ficado com 3 e 4 operárias, não só para saborear o patrão, mas ainda porque este teve a habilidade de estabelecer uns prémios por uma certa quantidade de produção. A propósito, recebemos uma carta dum membro componente do Sindicato Único da Classe Têxtil queixando-se contra um afinador da fábrica em referência, o qual, sendo um conhecido avançado, que se diz até anarquista, deixou de comparecer ao seu sindicato, a cuja direcção pertence, pelo facto de termos feito umas referências a uns casos que se deram na fábrica da Azeosa.

Por todo a parte se encontram esturmeiras, servindo as ruas de vaso-douro público. Há prédios que tem os canos de esgoto para a rua, exalando a imundície exagnada um péssimo cheiro.

A carrega da câmara em vez de recolher diariamente o lixo das ruas anda em fretes particulares, deixando tudo ao abandono.

A junta de freguesia que devia tomar providências não as toma e a população continua sofrendo tudo isto à mercê do seu relaxamento criminoso.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

## A BATALHA

Nós conhecemos o jogo dos senhores do Alentejo.

Mas fiquem certos que não deixaremos que vá por diante os seus intentos sem protestarmos e sem irmos perante os sindicatos fazer a propaganda tendente a demonstrar a falsidade que se encerra no cérebro desses senhores.

Chamamos desde já a atenção do respectivo sindicato, para que este tome as devidas providências.

Passeio fluvial pró-A Batalha

Realiza-se no próximo domingo o passeio fluvial pró-A Batalha, que seguirá o percurso seguinte:

De Lisboa à barra e Seixal, sendo acompanhada daqui pela Banda Inicível Almadaense.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda em casa do camarada Tomás S. Negócio, em Cacilhas.

Póvoa de Santa Iria

Acêrca duma apreensão

Quasi todos os jornais da capital relataram a apreensão efectuada pelos agentes da fiscalização de mais de mil sacas de açúcar.

Esta apreensão foi o assunto obrigatório de todas as conversas, não faltando quem nos accusasse de só atacar a Sociedade Agrícola de Ganda.

Mas esta censura parte de hipócritas de todos, porque nestas columnas, temos verberado todas as iniquidades que nesta terra se tem cometido.

O sr. Pinhão, gerente da Sociedade Agrícola de Ganda, declarou que quiz há tempo para manter o regime das 8 horas, ordenar o trabalho em três turnos, mas que o pessoal operário se opôs alegando que não queria saber do regime de trabalho, mas sim de dinheiro.

Iremos averiguar devidamente e depois falaremos devidamente do caso.

E então será atacado quem o merece: o gerente por ter mentido cinicamente ou os operários para se terem manifestado contra uma aspiração da classe trabalhadora que com tam dolorosos sacrificios foi conquistada.

Vendas Novas

Sanidade pública

Esta localidade continua num estado deplorável, a ponto de estar transformada num espantoso foco infeccioso.

Por toda a parte se encontram esturmeiras, servindo as ruas de vaso-douro público.

Há prédios que tem os canos de esgoto para a rua, exalando a imundície exagnada um péssimo cheiro.

A carrega da câmara em vez de recolher diariamente o lixo das ruas anda em fretes particulares, deixando tudo ao abandono.

A junta de freguesia que devia tomar providências não as toma e a população continua sofrendo tudo isto à mercê do seu relaxamento criminoso.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

Tem decorrido com muita nimação as festas do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, encontrando-se entre nós a filarmónica União Democrática que as vem abrandando.

## Festa de homenagem

Um grupo de jovens sindicalistas vai levar a efeito uma festa de homenagem a Joaquim Estrela e Armando dos Santos, mortos na madrugada de 29 de Dezembro.

## Proezas dum mestre de obras

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

## Rectificação

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Procurou-nos o sr. Alexandre Alves, chefe da esquadra dos Terramotos para nos declarar não ser verdade o que a seu respeito disseamos na notícia que no número de terça-feira foi publicada respeitante à agressão do mestre de obras Bernardo Lopes. Informou-nos aquele senhor que o mestre de obras referido não pôde ser preso no momento da agressão por ter fugido. Apresentou-se, é certo, passadas 6 horas, já quando a lei não permitia que o mesmo fosse preso. Todavia a participação da ocorrência seguiu os seus tramites, nada tendo ele que ver com o demais.

Pro



# Serviço de livraria

## DE

# A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esportivo; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais 510 para registro.

Auxilia-se a Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de A BATALHA.


CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.  
Lisboa-Portugal

### GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

#### Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e pastagens. ALEM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



**A MUNDIAL**  
COMPANHIA DE SEGUROS  
Capital inteiramente realizado 500.000\$00  
RESERVAS: 749.051\$00,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO  
Rua Garrett, 95-Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

## CALÇADO

de todas as qualidades e modelos

Nenhuma casa vende mais barato, pois enquanto outras casas sobrecarregam os seus artigos com 40 % e 50 %, esta só tira um lucro de 20 %, e além disso ainda faz os seguintes descontos:

|  |     |
|--|-----|
| Em benefício do comprador sindicalizado de A BATALHA | 5 % |
| das Cooperativas                                     | 3 % |
| do comprador sócio da mesma cooperativa              | 3 % |
| em benefício das As. de Socorro Mntuo                | 5 % |
| do comprador sócio destas colectividades             | 3 % |
| em benefício da Sociedade A Voz do Operário          | 5 % |
| do comprador sócio desta sociedade                   | 5 % |

N. B. - Quando qualquer destas colectividades se responsabilizar pelo pagamento, damos crédito a seis meses, sendo invertidas as percentagens acima mencionadas; o direito refere-se só ao calçado, por enquanto. Exceptuam-se destes descontos os tabacos nacionais, fósforos, jornais e ilustrações.

Na Havanera do Sacramento, rua do Sacramento, 19-21, a Alcantara, além do calçado encontram-se artigos de retrozaria, papeleria, meias, gravatas, perfumarias, livros, etc., e na Tabacaria Condes, Avenida da Liberdade, 6, assim como na Havanera do Carmo, Calçada do Carmo, 43, encontram-se todos esses artigos, à excepção do calçado, nas condições propostas.

## Pecam sempre senhas

### Nicolau Gomes Correia

ACABA DE RECEBER um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para senhora, e casacos. Um grande stock de kakis. \*\*\*\*\* PREÇOS SEM COMPETÊNCIA \*\*\*\*\*

..... AVIAMENTOS PARA ALFAIATES .....

R. dos Fanqueiros, 255

## Obras de literatura, ciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

|                                      |      |   |      |
|--------------------------------------|------|---|------|
| Adolfo Lima. - Educação e ensino     | 1800 | ibson. - Os aspectos (teatro)             | 1400 |
| O Bano da História                   | 1800 | Jaime Cortesão. - Adão e Eva (teatro)     | 2000 |
| O Teatro na Escola                   | 1800 | João Pinotti. - A ciência da Pedagogia    | 1800 |
| Alfred Binet. - A alma e o corpo     | 2400 | Luiz Buchner. - Na aurora do século XX    | 1800 |
| Alfred Binet. - Razão (poema social) | 1800 | Malvert. - Ciência e Religião             | 2400 |
| Benedicti. - Arte de estudar         | 1800 | Manuel Ribeiro. - A Catedral              | 5400 |
| Benito Faria. - Nossa Nova           | 1800 | Manuel Ribeiro. - O conto de vidro        | 1800 |
| Bonazzi. - Criação e vida            | 1800 | Manuel Ribeiro. - O deserto               | 5400 |
| Bonazzi. - A Loucura de Jesus        | 1800 | Mirbeau. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Bruxelles. - A vida social           | 2400 | Mirbeau. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Neno Vasco. - O Pecado de Simônia         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Reinach. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Reinach. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Strauss. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Timothei. - Não creio em Deus             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Sonata de Kreutzer             | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O conto de vidro               | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O deserto                      | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Jardim dos Suplicios         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Memórias duma criada de quarto | 5400 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - O Pecado de Simônia            | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - História das religiões         | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A justiça                      | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - A vida e a obra de...          | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. - Não creio em Deus              | 1800 |
| Campanha de Bousas                   | 1800 | Tolstói. -                                |      |